



Quinzenário — Autorizado pelos GTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

17 de Agosto de 1996 • Ano LIII — N.º 1368
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Património dos Pobres

Aflicções angustiosas

SÃO as motivadas por habitações degradadas que visitamos, mais as notícias que o correio traz com frequência e aquelas que conhecemos por outras fontes.

Hoje vou apresentar algumas trazidas por carta. Eis:

«Somos homem e mulher com quatro filhos de 15, 12, 7 e 3 anos. Vimos pedir um auxílio. Queremos cobrir a nossa casa por causa da chuva, meter janelas e portas e rebocar. O dinheiro não dá para nada. Sou só eu a trabalhar e agora estou desempregado. Por graves motivos de saúde minha mulher não pode trabalhar. Estamos a viver na cave que é muito húmida e cada vez há mais problemas. A minha mulher já se encontra novamente internada nos Hospitais. Espero compreendam a minha situação e a vossa visita.»

A missiva vinha acompanhada pela informação da paróquia:

«A esposa está gravemente doente; já fez quimioterapia e está agora a fazer radioterapia; o marido nesta altura está desempregado e dois filhos andam na escola e os outros dois estão no nosso Centro Social.»

Outra carta:

«O ano passado ardeu-nos a casa e tudo o que estava lá dentro. Era a nossa habitação. Ficámos

Continua na página 4



Moradia da nossa Aldeia de Benguela

BENGUELA

Com as armas do amor e da justiça é possível fazer mais

DECORREU, há pouco tempo, a *Semana do Leite Materno*. A Comunicação Social deu-lhe um certo relevo. Estas acções têm por objectivo sensibilizar as mães para a importância do leite materno na saúde dos filhos.

A mortalidade infantil, em Angola, é elevadíssima. Os filhos nascem e morrem com uma frequência impressionante. Agora mesmo, antes de passar estas notas para o papel, um trabalhador vem pedir algumas tábuas para o caixão do filho. Adoeceu ontem e, hoje, de manhã, morreu. Sei que outros ficaram em casa pelo mesmo motivo. A outro, faleceram cinco filhos. E outros... mais outros!

Mortalidade infantil

Há muitas causas. Entre elas é apontada também o facto das mães não darem aos filhos somente o leite do seu peito nos primeiros seis meses de vida. Por isso, estas campanhas são saudáveis, são importantes. Acontece, porém, que, se há muitas mães que podem e não querem dar o seu leite aos filhos, a maioria delas, em Angola, não o têm para dar. Os peitos ficam secos, em pouco tempo! Recorrem, então, a outras reservas que não são indicadas para o ritmo de vida das crianças. Vejo tudo isto com os meus olhos.

Não têm leite para dar aos filhos porque não se alimentam. O pouco que comem é tão pobre, tão pobre...! É que o leite que as mães haviam de ter devia entrar primeiro pela boca delas.

Há, contudo, um trabalho de base importantíssimo, um verdadeiro serviço de educação a fazer junto destas mães do nosso

povo. Para além da pobreza da alimentação, também há falta de conhecimento e apego a costumes que prejudicam mais a vida das crianças. Por isso, estas campanhas são oportunas e muito válidas, embora, à partida, tenham algum sabor a frustração porque não podem ser aproveitadas, com eficácia, pela maioria das mães sem leite no peito para dar aos filhos.

Da nossa parte, pusemos a mesa mais uma vez, por dia, a ver se a fonte da vida — no peito das que trabalham em nossa Casa — não fica seca.

A Palavra de Deus do domingo em que escrevo estas notas é provocadora. Lança um desafio que nos deixa desconcertados.

Aos discípulos que chamam a atenção do Mestre para a sorte de milhares de pessoas que não têm comida, ali, num lugar deserto e afastado, Jesus responde: — *Dai-lhes vós de comer.*

Ser solidário implica a morte do nosso egoísmo

É um apelo muito forte à solidariedade como remédio para grandes males sociais. Quando pensamos nada poder fazer e cruzamos os braços, enganamo-nos. Ser solidário é duro e doloroso porque implica sempre algo de morte do nosso egoísmo. Temos medo de perder quando abrimos as mãos para dar. Tentação grande!

Estou a lembrar-me do que se passa, neste momento, em Angola, com o Governo a tentar segurar o barco para que não se afunde mais no mar da inflação. Os agentes económicos, que têm o comércio das merce-

Continua na página 4

NOTAS DO TEMPO

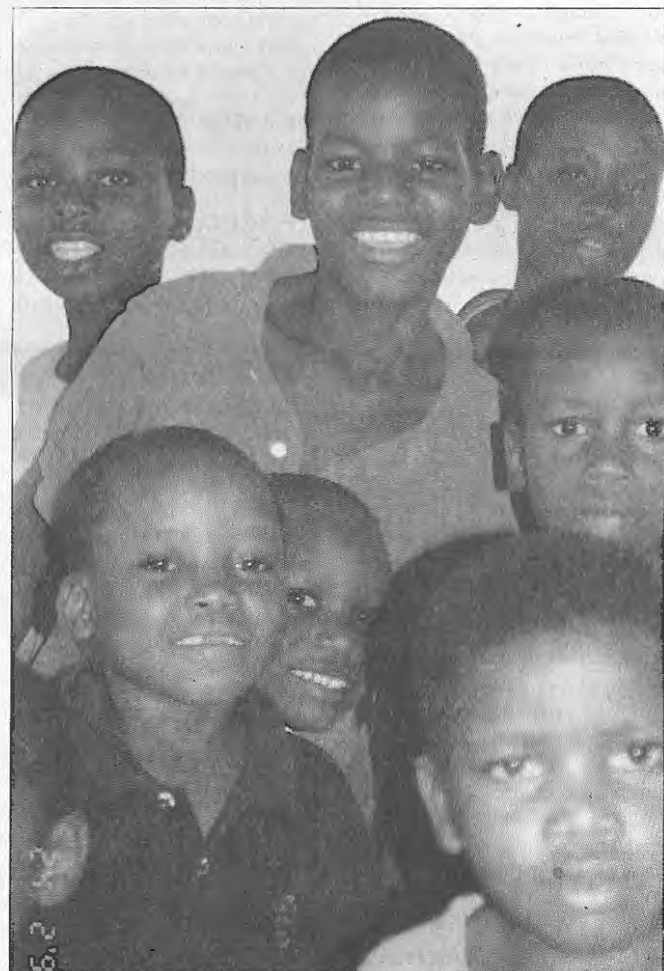
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

COMO quereríamos saudar a constituição da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa! Não por epidérmico prurido patriótico, mas pela justiça que seria defender este património mundial conservando e promovendo proporcionalmente ao crescimento demográfico uma língua e culturas que enraízam na História. Nem só, nem tanto, pela oficialidade da língua em diversas Nações, mas exactamente pelo que esta identidade cultural é fundamento para uma Comunidade de Povos, agora, ainda, vinculados por uma profunda afeição, por um generalizado sentimento de solidariedade. Agora, ainda...! Não sei futuro o que será, passadas algumas décadas.

Escrevo no condicional, deliberadamente, não por tendência a «Velho do Restelo», mas porque oposto a ele — porque em que com certeza creio é no ideal e na coragem dos que partiram em quinhentos e dos que, em qualquer tempo, são capazes de ir sem o calculismo próprio dos prudentes, dos da raça de ficar, seguros dos riscos da aventura e, depois, sempre prestes para se enfeitar com glórias e consumir ganhos que nada lhes custaram. Creio, sim, nos pequenos gestos, efectivos, dos que dão de si mesmo; e, porque pequenos, não dão o *show* político trivial dos actos constitutivos de Organizações como a CPLP que, por nascerem grandes, se tornam mui difíceis de crescer. E por nascerem grandes, nem por isso, ao nascer, passam de pouco mais que nada!

A CPLP já tem sede, tem executivo, tem «orçamento de cerca de 60 mil contos garantido por Portugal, com que

Continua na página 4



Grupo de gaiatos moçambicanos

Conferência de Paço de Sousa

SINISTRADOS — Aquele homem com um braço inoperacional, por acidente, recebeu já luz verde dum serviço oficial a quem pedimos colaboração. Terá um posto de trabalho adequado às suas limitações! Aguardemos, porém, um pouco mais, porque está convalescente duma intervenção cirúrgica, de urgência.

A indemnização do sinistro chega muito, muito tarde a esta gente! Doloroso hiato sem proveito material. Ficam abandonados...!, enquanto decorre todo um processo cuja legislação não distingue ricos de pobres.

No decorrer dos anos temos procurado aliviar ou remediar alguns casos pontuais, em mercearia, rendas de casa, remédios, etc. Auxílios substanciais. Mas, sempre com receio de que, chegado o *totobola*, um ou outro *perca a cabeça* neste mundo de ilusões, esbanjando o valor da indemnização (...) — ouvidos surdos à voz de quem os defende. E quando acordam já é tarde. Voltam à miséria de sempre!

PARTILHA — Um valioso cheque do assinante 32986, da Rua de Faria Guimarães, Porto, para «a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, com a solidariedade de sempre».

Assinante 9790, de Oliveira do Douro (Vila Nova de Gaia), com a habitual «pequenina ajuda, ousa pedir uma oração ao Senhor por todos os nossos irmãos inocentes que vivem em guerra. O Senhor de todos se compadeça e desperte nos responsáveis sentimentos de arrependimento, amizade, e assim a Paz seja possível». Aí temos uma alma abrangente — católica. Estas pequeninas motivações tomam o mundo melhor.

Mais vinte e cinco mil, do assinante 9157, da Avenida do Brasil — Porto, sem dizer mais nada. Este *mais nada* tem muita, muita força.

Outro cheque, volumoso, da assinante 32517, de Lisboa, que inclui também «a ajuda pessoal de dois trimestres para os vossos Pobres. Tudo ofereço por alma de meu pai». Grande consideração pelos que já partiram!

Óbolo mensal, de há muitos anos, da assinante 31104, da Capital, para dois Pobres e para «qualquer carência» que referimos n'O GAIATO: «Procura arredondar esse montante e agradeço as atenções para a minha pobre alma».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ESCUTEIROS — Muitas vezes os escuteiros pedem a nossa Aldeia para acampar. Agora esteve aqui outro grupo, muito simpático. Convidaram-nos a participar nos fogos de conselho, nos quais nos divertimos muito. Quem sabe se, mais tarde ou mais cedo, outro ainda virá estar connosco — para nos alegrar e ensinar as suas regras...

DESPORTO — O nosso está de férias. Um descanso para recuperarmos forças para os jogos no fim do Verão.

Pelas CASAS DO GAIATO

Alguns não resistem a uns toques na bola... Assim que acabarem as férias, não vamos dar hipótese às futuras equipas que jogarão connosco.

AGRICULTURA — Começámos a apanhar a batata, embora a colheita seja fraca. Mas, se Deus quiser, no próximo ano será melhor.

O milho está muito lindo! A pecuária está a correr bem. Os vaqueiros com gosto pelos animais.

PISCINA — Não será o frio que impedirá o banho diário. Estamos a aproveitar os melhores momentos de alegria que a piscina nos dá, dos grandes saltos da prancha até às partidas que fazemos.

Rui Manuel Gonçalves

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A sala de jantar está quase pronta. Por fora, pintada; e, por dentro, cimentada.

Na parte nova (antigamente camaratas novas), a obra corre bem.

PRAIA — O primeiro e o segundo grupos regressaram. Agora partiu o terceiro. Que se divertam, pois os outros já se divertiram.

GADO — A vaca mais velha («Branca de Neve») morreu. Tivemos que abatê-la porque estava a sofrer. E os vitelos crescem para manter a nossa vacaria com gado.

Nas capoeiras a gamisé choco e tem pintainhos.

CAMPO DE JOGOS — Não tarda a ficar pronto e, ao que nos parece, bonito.

PISCINA — Todos os dias vamos à piscina onde nos divertimos muito. Foi limpa porque a água estava verde, imprópria para tomar banho.

AGRICULTURA — Terminámos a colheita da batata. A cultura de feijão e de milho decorre normalmente.

EXCURSÃO — Em 4 de Agosto recebemos uma excursão de Leiria. Gostámos da visita. Continuem a visitar-nos. E também para jogarmos à bola.

João «Pequeno»

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

CONVÍVIO EM PAÇO DE SOUSA — No dia 16 de Julho fez quarenta anos a partida de Pai Américo para o Céu.

Recordo que, no dia 15, estando eu na tropa, esperava-o em Paço de Sousa para lhe falar, para ver se me conseguia um lugar de impedido no serviço do Quartel onde prestava serviço.

No dia seguinte, regresssei ao Lar do Gaiato do Porto, onde fomos surpreendidos pela notícia do seu falecimento. Chorámos a sua partida, mas foi já com sua intercessão no Céu, que consegui aquilo que necessitava.

Para comemorar essa data, no dia 21 de Julho, a Associação dos Antigos Gaiatos do Norte realizou mais um convívio.

Tudo correu como o previsto: A deposição dum ramo de flores na campa de Pai Américo. Missa campal, celebrada pelos nossos Padres Carlos, Horácio e Júlio. O almoço-convívio, também ao ar livre. Cada um levou de sua casa o que pôde, repartindo com o seu irmão. Vinho oferecido pela nossa quinta.

Pelas dezassete horas, enquanto uns se refrescavam com os filhos, nas águas da piscina, a Direcção da Associação reuniu com alguns que desejaram assistir. Falámos de assuntos de interesse, entre eles uma ideia que nos preocupa há bastante tempo: a fundação dum Lar de Idosos para antigos gaiatos. Quem sabe se este sonho não será realidade?! Há para aí tantas quintas abandonadas...

Claro que este sonho é bastante arriscado. Nós sabemos disso. Sabemos também que terá de amadurecer. Mas face aos tempos que atravessamos, não nos podemos esquecer que já temos irmãos nossos na terceira idade, pensando na incerteza dos últimos dias de vida.

Não nos podemos esquecer, quando surgiu a ideia da Cooperativa de Habitação dos Gaiatos, que também foi um plano arriscado. No entanto, está a funcionar e a oferecer lar digno a dezasseis famílias. E mais virão.

Pai Américo, lá no Céu, há-de pedir ao Todo Poderoso para que o sonho destes seus filhos se torne realidade e que também possam ter o seu cantinho: um Lar que possam chamar seu, onde não haja empregados a impor isto e aquilo, mas sejam eles próprios a mandar no que é seu.

Sabemos os tempos que atravessamos. E sabemos quantos são os filhos que, para se verem livres dos pais, os empurram para um Lar onde vivem em condições precárias. Também acreditamos que «quando Deus quer e o homem sonha, a obra nasce».

Não esqueçamos esta ideia, pedindo a Pai Américo que,

lá no Céu, seja Padrinho desta futura Obra, que também será sua e para glória do seu nome.

Valdemar

BENGUELA

16 DE JULHO — Festa de Pai Américo. Nós, cá em Benguela, não gostaríamos que o 16 de Julho passasse despercebido. Um dia diferente para nós e para outros gaiatos porque, nessa data, o Fundador da Obra da Rua partiu para o Céu. Por ter calhado num dia de trabalho, o nosso Padre Manuel pretendeu que assinalássemos a festa no domingo seguinte.

Mesmo assim, no dia 16 tivemos a Eucaristia que os rapazes animaram e, depois, o jantar bem organizado. Assim, tudo terminou num bom ambiente.

No domingo, tudo estava mais colorido. De manhã, antes do toque, os rapazes já estavam acordados, à espera do grande acontecimento. A senhora da Casa, que é como nossa mãe, Teresa Maria, preocupava-se com o pequeno-almoço e algumas arrumações. Ela ocupa um lugar muito importante. O chefe-maioral também no seu, dava recomendações para se arrumar o refeitório, as casas, o salão e alguns recintos.

Depois de tudo isto chegaram os hóspedes, pouco a pouco. Tivemos a honra de receber os nossos irmãos, já chefes de família, que aqui

cresceram. Faltaram muitos, por razões de última hora. Estiveram pais e filhos.

À hora marcada chegou o nosso Bispo que passou o dia connosco. Presidiu à Eucaristia.

À tarde, houve teatro no salão, peças animadas pelos gaiatos e pelas meninas. Em suma, tudo correu muito bem, graças a Deus!

Lourenço Sapalo

TOJAL

BATATA — A colheita terminou. Colhemos o suficiente para nos matar a fome até à próxima. Graças a Deus!

PRAIA — Os «Batatinhas» já regressaram. Muito queimados, mas também mais traquinas...!

PISCINA — Durante o Verão temos dado bons mergulhos na piscina, que tem dado menos problemas do que em anos anteriores.

FUTEBOL — Pedimos, mais uma vez, a quem quiser competir connosco em futebol: Escrevam para Casa do Gaiato — 2670 Santo Antão do Tojal; ou telefonem: 01-9749019.

Arnaldo Santos

Agora

HÁ quanto tempo não sai esta local, apesar do sabor que ela tem para mim porque ponto de encontro com tantos Amigos, alguns (ainda bastantes, graças a Deus) que vêm do tempo de Pai Américo e continuaram a aparecer com incansável constância depois que, há quarenta anos, lhe herdei esta coluna!

Me perdoem! A suficiência de original que tem sido regra nos últimos tempos, é causa feliz deste meu desmazelo. Atenua, mas não o absolve. Me perdoem!

Ao correr o saco onde, entretanto, vou arrecadando sinais destas presenças, algumas marcadas por mensagens carregadas de compreensão e de afecto, vão surgindo estes antigos. Ele, Pessoal da E.D.P. que, no princípio, foram das Hidroeléctricas do Cávado e do Douro e se não deixaram esmagar pelo *colosso* em que o *patrão* se transformou, mantendo a ordem de então: um descontentinho no ordenado a enviar pela própria Empresa para o Património dos Pobres. Ele aí chega todos os meses. Quantidade, não; mas no correio desse dia, é uma notícia de qualidade!

E a M.L., da Trofa, com a delicadeza habitual do *post-scriptum*: «Nem agradecimento, nem recibo». E a Odete, de Oliveira do Hospital. E o casal M.M. - A.L., do Porto, com a discreção do silêncio que, em quarenta anos, nunca nos deu hipótese de saber quem são. E a Lígia, de Fiães. E um sacerdote, de por ali perto. E o Albano, de Aguiar da Beira... E quase todos com outras *devoções* além do Património dos Pobres e a inteligência de dar: «Se houver outra necessidade mais urgente, disponham!»

Padre Horácio tomou à sua conta man-

ter acesa a chama do Património e tem sido fidelíssimo. As suas crónicas, em cima do acontecimento, apontando feridas e chegando-lhes remédio, despoleta nos Leitores muitas e saudáveis reacções. O «lote dele», das cartas recheadas que acodem aos seus S.O.S., é um maço de respeito, que dá a volta a Portugal. Da Covilhã, M.H.E., com um cartãozinho encabeçado por pensamento de Paula Frassinetti: «O Senhor quere-nos apoiadas somente n'Ele». Os Santos pensam e agem assim. Por isso tão fecundos!

De Onça — Vagos: «Acabo de receber o vosso Jornal. O pouco que li foi o suficiente para me tocar o coração». Outra «tocada», uma Maria do Carmo, da Avenida Rio de Janeiro, em Lisboa. Outra vez, de Lisboa, uma Palmira que todas as quinzezas «se magoa» em qualquer notícia que lê e ela aí está na volta. Agora é o Porto. Assinante 20098: «Obrigado por tudo o que nos faz despertar as nossas consciências». E voltamos ao Sul, Damaia: «Sabemos avaliar quanto deve ser penosa a situação daquela família onde dois filhos têm fibrose quística. Na nossa casa há um problema idêntico. Só que materialmente estamos mais favorecidos, razão que nos leva a enviar essa meia dúzia de telhas para um telhado que tem de se fechar». Passa Nelas, assinante 59463. E outra vez Lisboa, assinante 10021. E de não sei onde: Armanda — «não é preciso agradecer, pois basta que haja UM que saiba»; e Maria Augusta — «migalha do meu magro subsídio de reforma».

A volta levar-nos-ia ainda por muitas outras terras. Mas Júlio diz que o Jornal está a ficar composto e eu, hoje, fico-me por aqui.

Padre Carlos

SETÚBAL

Espírito de Pobreza

«EU quero pedir. Quero passar pela humilhação de pedir» — desabafava o Padre Américo pressionado pela força irremovível da Palavra de Deus, pela instalação de tantos discípulos de Jesus e pela miséria de tanta gente.

Fazer um peditório é primeiro que tudo distribuir o Dom da Palavra Divina. Não como uma teoria. Uma doutrina. Uma mística. Mas como *Vida* que se confronta com a vida humana.

As multidões reunidas à volta do Altar ficam surpresas. Olhos nos nossos olhos, sem pestanejar, bebem sofridamente, «sem dinheiro e sem despesa», o vinho e o leite da reflexão que lhes fazemos.

A virtude da pobreza que foi tema das nossas Festas e, é um assunto já elaborado, torna-se matéria mais fácil em período de tanto esgotamento. E, lá vou eu, como os cegos que só sabem uma música, cantar em cada estância de férias, sempre a mesma canção. Como é nova e inesperada, cria expectativa, produz atracção e resulta sempre em encanto. Dizer aos cristãos que tudo o que têm e são, é fruto do amor gratuito de Deus, e que o sentir esta gratuidade é pobreza de coração, é velho como a Bíblia, mas quando se apontam as sombras negras do riquismo hodierno, a tragédia maciça de tanta gente em casos concretos, o cruzar de braços dos responsáveis e tanto pecado de omissão, a pobreza aparece como uma força avassaladora capaz dos maiores heroísmos.

É luz que explode dentro do coração humano e obriga-o a pôr-se em ininterrupta entrega até ao desgaste final. «Abris, Senhor, a Vossa mão e saciais a nossa fome.»

Vamos mais para matar a fome dos outros e a nossa do que pelas necessidades imediatas da Casa do Gaiato. Fui a pedido duma senhora que tem uma hospedaria — agora já não existem hospícios legalizados naquela rua — ver um menino de cinco anos que é filho de uma «porca» de vinte; e o abandonou.

Ao ouvir, aqui, em casa, o relato da dita senhora, comecei logo a ver o filme do filho e... da mãe. Aos quinze anos a adolescente dava à luz. Depois... mais filhos... e a vida de rua!... Agora é a «porca»!...

O mundo é mesmo assim: explora e... depois apedreja. Fui à Rua do Bem Formoso, a Lisboa. Que nome tão lindo! Mas que ambiente tão degradado! Eu nunca pensei. Não imaginava!...

Começa na Rua da Palma — Almirante Reis — e desce por ali abaixo, abarcando o Largo do Intendente.

Aqui e além bares com música alta. Lá dentro dança-se. Dá-nos essa impressão. A cada porta meia dúzia de mulheres semi-nuas, a fumar, conversar, rir e chorar.

O aspecto de cada uma é o mais diverso: desde o provocante ao humilhado.

À medida que descia a rua, o sofrimento e a revolta apoderavam-se de mim. Como é possível, meu Deus, numa cidade civilizada!?

As casas são velhas. As escadarias, de madeira carcomida. O 264 não tinha número. Havia o 262 e o 266. Vi logo qual a entrada. Subi ao segundo andar. No primeiro, um prostíbulo. À minha frente subiam para o primeiro, um homem e uma mulher.

A Paixão de Jesus desenhava-se claramente aos meus olhos! Ali não há ninguém. Todos fogem.

Aquele é um lugar de peregrinação penitencial. Os crentes deviam organizar, de vez em quando, uma romagem de penitência, cobrindo a cabeça com cinza, descalçando os pés... e ir até lá rezar alto. Implorar a Misericórdia divina. Gritar que Deus venha em nosso auxílio.

Quando às vezes oiço responsáveis políticos e governantes a fazer discursos, lamentando a imoralidade, a prostituição, a droga, a sida... fica-me logo a sensação de que se está a sacudir a água do capote.

Mas então estas situações escapam irremediavelmente à legislação e fiscalização?... É em nome da liberdade — bem intocável (?) que tudo isto se permite?!...

A autoridade não tem autoridade? Ou é melhor ignorar!? Os focos de infecção devem ser conhecidos e extintos! O Homem pobre, que não tem nada a perder mas tudo a ganhar, encontra na vida humana uma seara imensa que ninguém cultiva.

Estas e outras inquietações levo eu aos peditórios.

Padre Acílio

BEM me queria parecer que os louvores não dão bom resultado. O que se passou, vem comprovar que o louvor em si, por muito justo que pareça, pode não passar duma *mentira* que conduz à mentira.

Foi do recente tribunal que contámos... Foi o «Amém»... Tinha agido bem com as coisas que os nossos amigos lhe tinham dado; deu a conhecer isso e a decidir o que fazer com esses objectos. Tudo bem. A sua atitude foi realçada perante todos. Na prática, foi louvado.

Até aí, irrepreensível! Mas não foi precisa uma semana para que o louvor recebido fizesse estragos: juntamente com o Filipe, pediu dinheiro a uma visitante da nossa Aldeia! Depressa ficou a descoberto a sua acção e a sua

PASSO A PASSO

Cumprir um castigo e não perder o humor

cabeça: que o diga o barbeiro de serviço!

De facto, o louvor não faz parte dos méritos humanos nem deve ser coisa procurada; em verdade, só a Deus pertence!

Para poder ser louvado, com proveito, é necessário ser humilde e ter

consciência dos próprios limites. E a criança não tem essa consciência...

O «Cato» tinha sido por seu lado o acusado. Parece-me que tirou maior vantagem do tribunal e do castigo que lhe foi dado: não ir à piscina até ao fim desse mês, na conta de uns quinze dias. Cumpriu à risca e no primeiro dia do mês seguinte, este Agosto, quando eu passava em fim de tarde ao lado da casa quatro, ele vem a uma das janelas e diz em tom brincalhão: — *Senhor Padre, eu hoje fui à piscina!*...

Cumprir um castigo e não perder o humor é sinal de maturidade. Será? Tanto a tenho procurado descobrir no «Cato»!

Prémios e castigos, recompensa procurada ou não. O que importa é crescer, e crescer íntegro.

Padre Júlio



A quinta do Calvário

CALVÁRIO

Amar sem medida não é medida do nosso tempo

A gente chama e ele vem. A gente manda e ele vai. A gente pede alguma coisa e ele traz. A gente ensina e ele executa: põe a mesa, dá de comer aos mais inválidos, chega-lhes o que é preciso, arruma as mesas e

tudo aquilo que está fora do sítio.

Mas ele não fala, nem articula qualquer som. O Luís é autista. O seu mundo interior é impenetrável. Às vezes, sorri. Outras, faz cara feia. Por vezes irrita-se, mas a boca permanece sempre fechada.

Meu Deus! Ele pode falar. Ele sabe falar. Ele conhece tudo e todos. Mas quer ser mudo. Entrar no

seu mundo é um segredo que não revela. A génese deste trauma é-me conhecida. Por pudor, guardo-a para mim. Mas que marcas ela deixou!

O Luís é um rapaz normal, inteligente, mas incapaz de ultrapassar os problemas que fortemente o atingiram.

Aqui há dias, ao tomar banho, distraiu-se e gritou: — *Está quente!* De facto, a água estava quente demais.

Ora há tantas formas de autismo.

Há muitos que passam o tempo a trabalhar para si próprios, para os seus interesses, para as suas coisinhas. Vivem num mundo fechado.

Uma nação que se preocupa só consigo mesma é autista. Um império económico que procura o lucro e só, é autista.

Um político que se arroga de tudo saber e se fecha aos outros, às ideias dos demais, é autista.

Um casal, um indivíduo que só pensa em si é igualmente autista.

O autismo social é sempre fruto nefasto do egoísmo.

Só combatendo este, acabaremos com aquele. Mas quando chegaremos nós ao «amar os Outros como a nós mesmos»? O suspiro de Cristo tarda em ser compreendido e posto na prática.

Disseram-me, há pouco tempo, em África, que a maioria dos quadros que ali se encontram em missão humanitária, como hoje se diz, são deslocados com a intenção primária de diminuir o desemprego que grassa nos países de origem. Não é por causa das pobres

AINDA O LANÇAMENTO DO NOVO LIVRO

A PESAR do brilhante comentário, com veia poética inimitável, que Pai Américo em tempo publicou n'O GAIATO, tornámos a motivar alguns, poucos, jornais e revistas para uma *recensão* do livro «Padre Américo — um grande educador português do século XX».

Na altura, Pai Américo referia, inclusivé, que editores e livreiros cumpriam este velho ritual porque até lhes servia de suporte para a procura de novidades na banca das livrarias.

Sobre tudo isto, que o mundo naturalmente faz seu *para tocar o sino*, ambos falámos, com humor. Horas deliciosas! Aceitando ele o entusiasmo da nossa juventude...

Houve colegas de Imprensa que registaram, agora, com amizade, pequenas notas acerca do livro em referência, da autoria do Doutor Loureiro. E, como não podia deixar de ser, *tocaram* mais alguns para além do numeroso grupo de Leitores d'O GAIATO. Vale sempre a pena quando a alma não é pequena!

No entanto, continuamos a receber pedidos de todo o País, e estrangeiro, para a obra que lançámos. Todavia, houve gente que supôs receber o livro pelos nossos registos informáticos, indiscriminadamente. Não adoptámos essa modalidade. Quem desejar recebê-lo, faça favor de o pedir, até pelo postal *RSF (resposta sem franquia)* que distribuimos pel'O GAIATO.

☆☆☆

Colecção de obras que poderemos enviar aos nossos Leitores: *Pão dos Pobres*, 1.º, 2.º e 4.º vol.; *Obra da Rua*; *Isto é a Casa do Gaiato*, 1.º vol.; *Doutrina*, 1.º, 2.º e 3.º vol.; *O Barredo*; *Notas da Quinzena*; *De como eu fui*; *Correspondência dos Leitores*; *O Calvário*; *A Porta Aberta*; *O Lodo e as Estrelas*.

Júlio Mendes

nações que ali estão, mas por via dos problemas sociais que existem nas pátrias doadoras de ajuda. Vão ao encontro dos que precisam, mas primeiramente pensando em si. O Eu está sempre na primeira linha. O homem é um ser subtil. Raramente faz as coisas desinteressadamente.

Amar sem medida não é medida do nosso tempo.

É por isso que, aqui e agora, no Calvário, estamos sem uma senhora que governe esta Casa, que queira ser mãe e amiga permanente destes Doentes. Sinal dos tempos!

Padre Baptista

NOTAS DO TEMPO

Continuação da página 1

funcionará até Setembro», o que, se calhar, não chega para sustentar o staff. E entretanto, e depois, o que vai fazer? Com quê? Com quem? Sim, com quem?

Valores malbaratados

por Grandes em desfavor dos Pequenos

Aqui se choca a nossa missão de servos dos Pobres em Portugal, em Angola, em Moçambique, fartos de loquacidade vazia e de valores malbaratados por *Grandes* em desfavor dos *Pequenos*; e se justifica o modo condicional em que escrevemos.

No conjunto das Nações lusófonas, Portugal tem uma responsabilidade primaz na prossecução do essencial objectivo da Comunidade. Já o tinha antes desta se constituir. Tudo o que conduz a este objectivo devia ter merecido e merecer uma atenção calorosa da parte dos mais altos Responsáveis. Com que alegria diríamos que sim...! Mas a nossa pequenina experiência (do que observamos em geral, do que sofremos na pele) leva-nos a dizer que não.

Faltam instrumentos legais

Quando, há dois anos, tivemos a oportunidade feliz de um Objector de Consciência, licenciado em Geografia, a exercer o magistério, que se dispunha a cumprir numa Casa do Gaiato o seu Serviço Cívico, logo pensámos na Casa de

Benguela, cuja Escola serve, não apenas os nossos Rapazes, mas também os filhos dos trabalhadores que moram no morro vizinho e não têm cobertura escolar. Fizemos a proposta e tivemos dele uma generosa aceitação. Apresentámo-la no Serviço de Objecção de Consciência, ao qual nada pedimos além dos direitos próprios do Objector; viagens e sustentação seriam da nossa conta. Houve uma luzinha de esperança que logo se apagou: a lei não prevê o Serviço Cívico dos Objectores fora do País. E então a Cooperação?... As suas metas?... Não há nas estruturas do Estado uma Secretaria da dita?... A cooperação acabou por realizar-se em Paço de Sousa — uma presença que deixou saudade. Mas não evitou a dor da mais valia que teria sido a sua estadia em Benguela.

Agora são duas professoras primárias em princípio de vida e com o ideal de servir na nossa Casa de Malanje, a mais pobre de todas em recursos humanos. Nada pedem: nem ordenado, nem subsídios para viagens, nem garantias de sustentação... — nada. Só pedem que o tempo lhes seja contado, porque não tencionam ir em cooperação fugaz; mas, por qualquer motivo, pode acontecer que tenham de regressar e, nesse dia, não voltem ao ponto zero, ao princípio da sua carreira. No Ministério da Educação as voltas que têm dado! Pois aqui não há instrumento legal que permita responder ao projecto delas, possibilitando-lhes a realização do seu ideal que é serviço da língua portuguesa. Fechada esta porta, passámos nós a outra: à Secretaria de Estado da Cooperação. Também não haverá aqui instrumento legal que lhe permita requisitar estas cooperantes voluntárias e obter da

Educação — no mesmo País, no mesmo conjunto ministerial — a licença pedida, a *regalia* desejada?

Que difícil a pretensão de servir de graça!

Não sei se há ou não, que desde o princípio do ano ando à procura do Sr. Secretário de Estado e sempre ele anda por fora; e há mais de um mês entreguei o assunto a um secretário dele, muito simpático e cheio de boa vontade (me pareceu!) mas, de resposta, nada.

E o ano lectivo acabou e outro vai principiar; e as duas professoras querendo resolver a vida; e nós tão contentes pela oportunidade de servir melhor os nossos rapazes de Malanje e outrós, das senzalas vizinhas, que tal como em Benguela frequentam a nossa Escola...! De servir melhor os rapazes e de servir a língua portuguesa e os objectivos culturais para os quais se constituiu agora a CPLP!!

Que difícil, que cara a pretensão de servir de graça!

Ora com quem é o *busillis*! Quero ver como o Executivo do CPLP o vai superar e cumprir os seus objectivos.

Tanto professor por aí no desemprego! Estas, indo, até faziam mais este favor de deixar dois lugares vagos. E quem dera muitos como elas a quererem ir, mesmo que o preço não fosse a gratuidade destas! E os Responsáveis da Causa Pública muito contentes com este achado, abraçando-o de alma e coração!

Se têm outras respostas na manga, digam-nas para tranquilidade nossa. Nós quereríamos saudar sem reservas a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa!

Padre Carlos

EM pleno mês de Verão, iniciámos peditórios nas praias e termas próximas desta nossa Casa. Já passámos por Mira, onde, habitualmente, começamos. A seguir, iremos ao Luso. No terceiro domingo do mês em curso estaremos em S. Julião, na Figueira da Foz, onde, de braços abertos, somos recebidos como em nenhum outro lado. No final de Agosto daremos também um salto a S. Martinho do Porto.

Firmamos aliança com as palavras da Eucaristia de cada domingo e nelas apoiamos a nossa voz. Manifestamos a nossa inquietação e procuramos inquietar também aqueles que nos escutam.

Apelamos à partilha fraterna decorrente do assentimento dado à Palavra de Deus.

TRIBUNA DE COIMBRA

Partilha fraterna

Não podemos deixar de inquietar e de apelar. As Casas do Gaiato continuam a ser um sinal denunciador de que a sociedade, de que somos membros, não vai bem no que diz respeito à família, à habitação e ao respeito pelos Outros.

Não há melhor auditório que uma Assembleia reunida para celebrar a sua fé no Pão que a todos sacia. Nada melhor para inserir os sem família, sem tecto condigno, os sem

rumo, os excluídos — que tantos são — desta Mesa de bens eternos.

É um grande bem! Quem nos dera mais tempo. Iríamos por aí fora inquietar, alertar, apelar. Há muita gente que já se acomodou, que não pode ser feliz nem sentir-se bem.

A falta de inquietação apostólica gera o vazio ou reduz a vivência da fé a uma espécie de cosmética.

No entanto, o Mestre continua a segredar ao coração: «Tenho dó desta multidão». E... «cheio de compaixão curou-os a todos». Depois envia, contra o calculismo avassalador do «só temos cinco pães e dois peixes...». Não permite exclusões de espécie alguma. Não despede. Não manda embora. Desafia: «Dai-lhe vós mesmos de comer...» E posteriormente a bênção do Pai. Chega para todos e sobra. É Pai que, sentado à mesa da Criação, opera a divisão. E, assim, chega para todos.

Mas, não assim, ainda. Falta o quê? Pôr Deus no seu lugar. No coração do homem. Havemos de lá chegar! Enquanto não, permita-nos Ele a força e a humildade para ir batendo de porta em porta.

Padre João



Vidas encantadoras em restos de currais

Património dos Pobres

Continuação da página 1

sem nada. Com ajudas comecei a fazer nova obra. Falta muita coisa! Com a informação prestada por meu pároco resolvi escrever a pedir que me ajudem naquilo que for possível. Eu agradeço.

Tenho 25 anos. Sou casado, há pouco tempo. Tenho de fazer diariamente 12 km para ir e vir do trabalho, ganhando só 50.000\$00.»

Ainda mais outra:

«Serve esta para comunicar a triste situação em que vivo actualmente: Casa de habitação sem energia eléctrica, com o telhado a cair de podre, com sobrado todo podre também, e paredes por acabar.

Actualmente vivo numa grave situação: Tenho uma deficiência física por acidente de trabalho e estou a receber mensalmente 31.500\$00. A minha companheira está grávida e não tenho condições nenhuma para a sua situação de gravidez.

Tenho do meu primeiro casamento 4 filhos na vossa Casa do Gaiato. Por favor ajudem-me, pois bem preciso da vossa ajuda para arranjar a minha casa. Sem mais me despeço, esperando que aqui apareçam para verem esta miséria em que vivo.»

Esperamos ir ver, mas não descansamos enquanto não enviarmos a nossa ajuda que é fruto da tua também. Há situações humanas que não podem esperar. Temos de ir ao seu encontro!

Padre Horácio

Vistas de dentro

Amor de filhos

MUITOS quadros de autêntica beleza! No dia do encontro-convívio anual dos rapazes velhos e novos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O centro foi a Capela onde repousam os restos de Pai Américo, colocados sob uma pedra de granito ao lado do sacrário com Jesus Cristo presente. Dois grandes Amigos ali presentes. Ao chegar, quase todos ali se dirigiram. Os gaiatos e os familiares.

Também ali entrei e sentei-me num banco. Entre a oração ia contemplando e saboreando estes quadros de beleza.

Quando entrei, estava, de joelhos, um dos mais velhos, juntinho à sepultura. Rezou bastante tempo, depois beijou amorosamente a pedra tumular e safu em silêncio.

Nesta altura chega o Tó. Ficou de pé, frente ao Altar. Benzeu-se e persignou-se com perfeição. Rezou algum tempo. À saída, deu-me dois beijos e disse: — *Agora estou desempregado, mas cá me vou arranjando.* Deve ter sido a sua oração.

A seguir, um casal. Ele, de pé. Ela ajoelhada e colo-

cou um ramo de flores. Retirou-se para o fundo e ficou, de joelhos, em oração. Muitos e muitos levaram ramos que acompanharam com recolhimento colocando-os em cima da pedra com beijos de ternura.

Antes da Eucaristia entrou um numeroso grupo. Concentraram-se. Um dos mais velhos tomou a palavra: — *Estamos aqui para agradecer a Pai Américo e por ele agradecer a Deus o Pai que nos deu. Sabemos que ele olha e pede pela Obra da Rua, seus Padres, por nós e por nossos filhos. Temos junto do Senhor um bom Pai.*

Depois pegou na mão duma netinha que segurava um ramo de cravos brancos e depôs também sobre a pedra.

Saímos e dirigimo-nos para a concelebração da Eucaristia na grande e acolhedora *catedral* feita pela sombra das majestosas árvores plantadas naquele terreiro. O Evangelho foi a parábola do trigo e do joio. Sementes semeadas na terra que cada um é. O nosso cuidado atento ao fruto de cada uma.

Dali procurámos todos lugar à sombra para o convívio do almoço. E o dia continuou em festa pelos quarenta anos de Pai Américo.

Padre Horácio

BENGUELA

Continuação da página 1

dorias em suas mãos, desempenham um papel decisivo. A adaptação a algumas regras disciplinadoras está a custar muito caro, parece-me. É natural. Prevalencia a anarquia nas trocas económicas. Cada um procurava tirar o maior lucro possível... Por isso, quem tinha muito dinheiro conseguia o que queria. Mas, quem não tinha... não conseguia coisa alguma. Custa-me meter a foice nesta seara, porque é complicada demais. Contudo, não tenho dúvidas de que a falta de solidariedade dos que podem com a multidão dos que não podem é também a causa dum mal social tão grande! E continua.

Com as armas do amor e da justiça é possível fazer muito mais. Estes valores andam arredados da cultura dos homens de negócio. A passagem do Evangelho deste domingo acende a luz. Deixemo-nos guiar por ela.

Padre Manuel António